

INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA E A HISTORIOGRAFIA MILITAR: O CASO DO MUSEU MILITAR DO COMANDO MILITAR DO SUL – MMCMS

Ianko Bett*

RESUMO

O artigo tem como objetivo principal apresentar um estudo relativo à importância das instituições de memória na produção e difusão da historiografia militar com ênfase nos projetos de pesquisa, exposições e eventos desenvolvidos no Museu Militar do Comando Militar do Sul – MMCMS, Instituição criada em 1999 e que hoje se configura em um dos principais lugares de memória, dentre aqueles localizados na região Sul do Brasil, que se ocupa de assuntos concerne ao campo da história militar. Para tanto, na primeira parte, o trabalho propõe uma reflexão acerca dos aportes teóricos e metodológicos que podem sustentar as práticas dos historiadores que desempenham suas funções em museus, colocando em evidência os aportes da própria produção do conhecimento histórico a partir de objetos, com especial atenção aos preceitos inerentes às atualizações do campo museológico. Em seguida, pretende-se apresentar os resultados práticos atingidos no MMCMS no que diz respeito à produção, desenvolvimento e difusão da historiografia militar, explicitando o *modus operandi* e estratégias da Instituição na sistematização de projetos e seus alcances no público acadêmico, em uma região de baixa penetração e produtividade da história militar nos programas de Pós-graduação em História das Universidades locais.

Palavras chave: instituições de memória; historiografia militar; MMCMS

MEMORY INSTITUTIONS AND HISTORIOGRAPHY MILITARY: THE CASE OF THE SOUTHERN MILITARY COMMAND MUSEUM - MMCMS

ABSTRACT

The article aims to present a study on the importance of memory institutions in the production and dissemination of military history with an emphasis on research projects, exhibitions and events developed in the Southern Military Command Military Museum - MMCMS, institution created in 1999 and today is configured in one of the main places of memory, among those located in southern Brazil, which deals with matters concerning the field of military history. Therefore, in the first part, the paper proposes a reflection on the theoretical and methodological contributions that can sustain the practices of historians who perform their functions in museums, highlighting the contributions of its own production of historical knowledge from objects, with special attention to the precepts inherent in the museum field updates. Next, aims to present the practical results achieved in MMCMS with regard to the production, development and dissemination of military historiography, explaining the *modus operandi* and strategies of the institution in the systematization of projects and their achievements in the academic public in a region of low penetration and productivity of military history in the Postgraduate Programs in History of local universities.

Keywords: memory institutions; historiography military; MMCMS

* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Encarregado do Setor de Pesquisa e História do Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS). Email: ibett@bol.com.br

Introdução

O artigo tem como objetivo principal apresentar um estudo relativo à importância das instituições de memória na produção e difusão da historiografia militar com ênfase nos projetos de pesquisa, exposições e eventos desenvolvidos no Museu Militar do Comando Militar do Sul (adiante MMCMS), Instituição criada em 1999¹ e que hoje se configura em um dos principais lugares de memória, dentre aqueles localizados na região Sul do Brasil, que se ocupa de assuntos concerne ao campo da história militar. Em outras palavras, trata-se de apresentar as principais estratégias adotadas, pelo Setor de Pesquisa e História do Museu, que visam transformar a Instituição referência na construção do conhecimento histórico e, desta forma, contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento historiográfico no campo da história militar, buscando atingir o mesmo patamar qualitativo já consagrado nos institutos de pesquisas e nos Programas de Pós-Graduação em História das Universidades.

É preciso deixar claro, entretanto, que toda possibilidade de realização das ações exercidas pelo Setor em questão perpassa, necessariamente, por um conjunto de transformações mais amplas desencadeadas no campo da Museologia, especificamente no que se refere às atribuições resultantes do espectro mais amplo da denominada “Nova Museologia” e a forma como esta transformou (redimensionou) as atividades dos profissionais de museus, incluindo, nesse caso, os historiadores².

Quando se busca apresentar um estudo, como é o caso presente, referente aos projetos desenvolvidos por historiadores (e equipe) dentro de instituições de memória (museus), entende-se ser necessário colocar em questão de que forma se dá a própria inserção destes profissionais no campo museológico, suas competências e responsabilidades. Na medida em que a pesquisa histórica adquire importância fundamental nos museus desta tipologia, o historiador assume, inevitavelmente, uma elevada carga de responsabilidade no próprio desenvolvimento da instituição como um todo, em suas mais diferentes atuações (exposições, oficinas pedagógicas, cursos, ações educativas, eventos, etc).

¹O MMCMS foi criado no ano de 1999 com a intenção de recolher, preservar, conservar, pesquisar e expor objetos referentes à história do Exército Brasileiro, mais precisamente do Comando Militar do Sul (CMS), que compreende os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Atualmente dispõe um acervo composto de aproximadamente 6.000 peças, divididas em uniformes; fotografias; medalhas; armas leves e pesadas; viaturas hipomóveis, motorizadas e blindadas; os quais são apresentados através de salas de exposições temáticas, temporárias de curta e de longa duração. (BETT e COSTA, 2015)

²Não cabe aqui apresentar os fundamentos que deram a tônica para o desenvolvimento da chamada “Nova Museologia”. Apenas é preciso destacar que o termo se configura em uma “designação elaborada para exatamente traduzir a viragem teórica e reflexiva concretizada – ou tida como ainda necessário promover – na museologia contemporânea”, sob a influência da Declaração do Quebec, em 1984, criação do *Mouvement Internationale pour la Nouvelle Museologie* em 1985, nem à publicação do livro *The New Museology*, editado por Peter Vergo, em 1989. (DUARTE, 2013, p. 108)

O MMCMS vem, ao longo de 17 anos de existência, estabelecendo, paulatinamente e de forma contínua, uma série de procedimentos que visam a sua inserção no âmbito da produção da historiográfica com ênfase (não só) no campo da história militar. De uma parte, os esforços já consagrados que dizem respeito à conservação e democratização do acervo, à correta recepção e posterior apoio aos mais diversos pesquisadores continuam sendo colocados em prática, permitindo que o Museu e seu acervo estejam aptos enquanto fontes/objetos das mais distintas pesquisas.

De outra parte, o esforço de pesquisa institucional (aquele promovido de dentro para fora da instituição) cada vez mais vem ganhando espaço nos projetos de educação para o patrimônio em andamento. Obviamente que ambos os aspectos mencionados só se tornam eficientes a partir de um esforço coletivo de toda a equipe técnica, mas que possui ampla e decisiva repercussão no *modus operandi* do Setor de Pesquisa e História, cuja coordenação está, desde 2012, sob a responsabilidade de um profissional com experiência de pesquisa no âmbito acadêmico.

O esforço deste artigo, portanto, consiste em articular alguns dos preceitos teóricos e metodológicos relacionados à atuação dos historiadores em instituições de memória com a prática que vem sendo desenvolvida no MMCMS. Tem-se a intenção de colocar em discussão essa relação justamente para que se possa apresentar as principais experiências, ações e estratégias adotadas, com o entendimento de que elas permitem criar as condições para uma efetiva produção e divulgação da historiografia militar, aspecto que tem sido deixado ao largo em outras instituições, localizadas no Rio Grande do Sul, com a mesma tipologia³.

1 Os historiadores e as práticas museológicas

A importância dos historiadores que desempenham funções em museus (e a complexidade que isso envolve) não é (ao menos não deveria ser⁴) novidade para nenhuma instituição de memória que se pretende atualizada acerca dos últimos aportes desenvolvidos no campo museológico. Qualquer aspecto de uma definição mais abrangente de “Museologia” permite não deixar mais dúvidas sobre o que se deseja quando se pensa na importância dos museus no processo de construção do conhecimento (de qualquer área). De acordo com

³ Não foi possível encontrar qualquer estudo ou publicação que apresente as estratégias adotadas, por Museus de tipologia militar localizados no Rio Grande do Sul, para a produção e divulgação da historiografia militar.

⁴ Em um artigo de 1978, traduzido para o português em 2009, Vinos Sofka (2009, p. 80) já repercutia as transformações do mundo contemporâneo e suas influências no modo de se fazer museologia: “O desenvolvimento do mundo não deixou de afetar e causar mudanças no museu. A sociedade e seus diferentes componentes – a comunidade, a região, o Estado, a Nação, etc. – colocam novas demandas para os museus. Para fazer frente a essas demandas, os museus desenvolveram, ativa e propositalmente, um processo interno de mudança e de adaptação.”

Duarte (2013, p. 110) a partir da ampliação dos instrumentos conceituais e o recurso à interdisciplinaridade que vieram em voga com a “Nova Museologia”, passou-se a compreender e enfatizar o papel do museu como instituição voltada às suas funções sociais. É desta interdisciplinaridade que se quer chamar atenção. Nos museus de tipologia histórica a interface permanente entre o campo da história e da museologia pode ser estabelecida por diversas atividades, mas todas elas devem estar assentadas na mais fundamental: a pesquisa. Conforme bem salientou Sofka (2009, p. 80), nesse sentido,

Uma sólida base científica é um pré-requisito para o preenchimento bem sucedido das crescentes tarefas dos museus, para o seu desenvolvimento futuro, para a solução rápida e objetiva de vários problemas dos museus em toda a sua amplitude, bem como para a desejada qualificação.

Essa ideia remete imediatamente a pensar no tripé básico de funcionamento dos museus: preservação, comunicação e investigação. A preservação situada como ferramenta necessária para a salvaguarda, para a documentação, para os estudos analíticos de acervos naturais e culturais; a comunicação, praticada através de programação e realização de exposições, desenvolvimento de programas educativos e culturais para o público dos museus, em suas diferentes estratificações; e, por fim, a investigação, aquilo que dá sentido à construção do conhecimento, aquilo que “movimenta” os museus, dinamiza suas atividades permitindo constantemente atualizações e renovações.

Levando em conta essa base de sustentação das atividades museológicas, pode-se chegar à conclusão de que dedicar-se somente pela guarda, conservação e exibição dos acervos não é suficiente para o pleno (ou aceitável) desenvolvimento dos museus, pois, nessa concepção, a instituição se configuraria num depósito ou mostruário de objetos, vulgarmente conhecido como um “gabinete de curiosidades”, como se a história pudesse estar já dada nas peças que compõe o acervo.

Não é de hoje que esse modelo de “atitude diante do passado” vem sendo refutado no âmbito das ciências humanas, notadamente história e museologia. Ainda que Alice Duarte (2013, p. 108) aponta que somente até os anos 1960 se poderia falar em “museologia tradicional”, em que o desenvolvimento era pautado em estreita articulação com a formação do Estado-nação moderno e com a correspondente educação dos seus cidadãos, cuja ausência de autocritica sobre os fundamentos e os papéis do museu era evidente, o debate continua atual, dada a proeminência dessa visão nas práticas exercidas por um grande número de

instituições museológicas que ainda se colocam à margem das atualizações metodológicas e conceituais.

O filósofo F. Nietzsche em ensaio de 1874, que colocou em questão a “utilidade e desvantagem da história para a vida”, já demarcava a ineficiência do conhecimento histórico baseado nos sentidos *monumentalista* e *antiquarista* (grifos meus), que são, a rigor, possíveis de serem encontrados nos museus que funcionam ao modo de “gabinetes de curiosidades”. O primeiro, que refere ao passado como modelo de ação, como ideal a ser seguido (copiado) e, o segundo, que venera o passado, que coleciona os objetos, preservando o “passado pelo passado”. Ambos os sentidos trazem uma inevitável desqualificação do tempo presente, colocando em evidência a “atitude diante do passado” de um modo que a história representa uma desvantagem para a vida, pois, soterra e desqualifica o presente (REIS, 2006). A citação abaixo é longa, mas recuperar as palavras do filósofo é essencial:

No fundo, aliás, aquilo que foi possível uma vez só poderia comparecer pela segunda vez como possível se os pitagóricos tivessem razão em acreditar que, quando ocorre a mesma constelação dos corpos celestes, também sobre a Terra tem de se repetir o mesmo, e isso até os mínimos pormenores [...]. Somente se a Terra iniciasse sempre de novo sua peça de teatro depois do quinto ato, se estivesse firmemente estabelecido que o mesmo nó de motivos, o mesmo *deus ex machina*, a mesma catástrofe, retornassem a intervalos determinados, poderia o forte desejar a história monumental em toda sua veracidade icônica [...]. Até então, a história monumental não poderá usar daquela veracidade total: sempre aproximará, universalizará e por fim igualará o desigual; sempre depreciará a diferença dos motivos e das ocasiões, para, à custa das causas, monumentalizar os *effectus*, ou seja, apresentá-los como modeladores e dignos de imitação: de tal modo que, por que ela prescindir o mais possível das causas, poderíamos denominá-la, com pouco exagero, uma coletânea de “efeitos em si” [...]. (NIETZSCHE, 1983, p. 61)

A articulação entre “objetos” e o “tempo” é mais do que necessária como via possível de destituir a concepção do “objeto pelo objeto”, das “coletâneas de efeitos em si”, como apontou Nietzsche. É preciso problematizar os objetos que compõe o acervo, buscando no tempo, na temporalidade os seus “efeitos de verdade”⁵. Ulpiano Bezerra de Meneses (1994, p. 38), também salientando a problemática de “sentido histórico” e a questão da temporalidade:

Não, a História não pode ser visualizada. A História não é algo que possa ser apreendido sensorialmente — modo padrão de estímulo na exposição. Exclui-se, portanto, da responsabilidade do museu histórico preservar ou restituir o passado - quaisquer que sejam as motivações.

⁵Para José Carlos Reis (2006, p. 103), a história acaba andando na contramão de outros campos dos saberes (filosofia, religião e senso comum), pois a sua verdade está no tempo, e não fora dele: “Ela revela aos outros saberes [...] o seu passado, mostrando-lhes o que eles esqueceram: que mudaram, que nunca foram os mesmos e sempre estiveram envolvidos com verdades absolutas [...]”.

As assertivas sobre tempo e sentido histórico, acima mencionadas, indicam que a implementação de um programa de pesquisa permanente é uma operação fundamental para dar equilíbrio na base de funcionamento de qualquer instituição museológica, especialmente aquelas que se pretendem possuidoras de instrumentos de ação com ênfase na educação e que buscam, constantemente, pela inserção na dimensão da produção e difusão do conhecimento. Na opinião de Sofka (2009), a pesquisa assume papel principal na prática museológica, pois propicia condições para que as funções de preservação e comunicação sejam plenamente desenvolvidas.

Antes de tratar de algumas possibilidades práticas que permitem implementar, efetivamente, um programa de pesquisa permanente nos museus históricos, é de necessidade singular colocar em evidência alguns pontos básicos da disciplina histórica, em seus aportes teóricos e metodológicos desenvolvidos nos últimos anos. A pertinência dessa operação se deve às constantes confusões e equívocos de ordem prática, estabelecidos por profissionais (ou amadores) distantes das atualizações do campo histórico, principalmente quando os museus estão em evidência, seja na forma de definições (e pesquisas) externas a ele (quando o museu é o objeto) ou, muitas vezes, quando essas instituições expõe seus projetos, exposições e ações educativas. Não é pretendido aqui aprofundar nas discussões que delinearam os fundamentos básicos da disciplina histórica a partir do século XIX, com intensa revitalização em meados do século XX⁶. A intensão é, tão somente, colocar alguns pontos nos “is” quando se está em debate os museus históricos e a forma com que estes apresentam seus acervos ou desenvolvem suas ações educativas.

É preciso destacar, inicialmente, que o mais recente desenvolvimento do campo museológico, no que diz respeito às formas de se trabalhar com os objetos, ao menos no campo teórico, salienta a necessidade do abandono da forma tradicional de seus entendimentos. De acordo com Francisco Régis Lopes Ramos (2004, p. 19), no formato tradicional o essencial era demonstrar, no discurso expositivo, objetos que remetessem à glorificação de heróis e indivíduos de destaque (ou considerados como tais). Além disso, há outro componente imbricado com esse modelo, cuja maior representação pode ser caracterizada pela *fetichização* (grifos meus) dos objetos, ou, em outras palavras, quando os

⁶Sobre esse aspecto ver em CERTEAU (1982) e REIS (2006), especialmente o capítulo 4 intitulado “História e Verdade: posições”.

objetos são apenas valorizados por suas funções originais, aquelas que ocupavam antes de se tornarem peças de museus.⁷

O que acaba ficando relegado a um segundo plano, nos modelos supracitados, e esse é o ponto negativo em que as duas perspectivas se encontram, é justamente uma concepção que permita reflexões críticas, para além do objeto na sua exclusiva materialidade, ficando concebido apenas como uma importante fonte de construção do conhecimento sem uma devida (especializada) utilização. Daniela Görge dos Reis (2015, p. 311) explica exatamente esse ponto quando afirma, se baseando em Maria Helena Steffens de Castro, que a materialidade original e concreta dos objetos de um museu serve como “suporte de sentido e remete-nos a outros objetos, muitas vezes ausentes do nosso campo de visão, mas presentes em nosso universo mental”.

Tudo isso perpassa, necessariamente, pela forma com que o objeto será interpelado. É preciso pensar o objeto para além de sua exclusiva materialidade, criando condições, seja com a narrativa da própria exposição, seja através da mediação (incluindo possíveis ações educativas) de tornar esse objeto uma fonte de pesquisa, pensado enquanto um documento e interrogado como um monumento, como preconiza Jacques Le Goff (1984) a partir do arcabouço teórico desenvolvido por Michel Foucault (2009)⁸.

Criar condições de possibilidades para que o objeto possa ser interrogado a partir de questões teóricas e metodológicas fundamentadas, e, a partir disso, construir novos aportes de conhecimentos, é uma operação que requer preparo e atualização intelectual por parte dos historiadores⁹. São prerrogativas necessárias que permitem ao museu assumir o status de uma instituição que não só lida (preserva, armazena, pesquisa, etc) com objetos, mas que, também, ensina como fazer história com eles. Nos termos de Menezes (1994, p. 40),

Por isso, a diretriz (obviamente não exclusiva, mas necessariamente presente) de um museu histórico seria transformar-se num recurso para fazer História com objetos e ensinar como se faz História com os objetos. Esta postura abre horizontes para infinitas possibilidades expositivas

⁷Ulpiano Bezzerra de Menezes (1994, p. 28) defende a ideia de que os Museus e suas Exposições precisam, de fato, encarar a presença da fetichização, utilizando-a como estratégia de se propor reflexões da sua própria existência: “Se é limitador, para a exposição, fetichizar objetos, é, ao contrário, de extremo interesse procurar registrar e explicar a fetichização, estudar e dar a conhecer o objeto-fetice. Em consequência, ao invés de eliminar os objetos históricos, as relíquias, o museu histórico deve é inseri-los no seu quadro de análise e operações, procurando desvendar sua construção, transformações, usos e funções.”

⁸Ver LE GOFF (1984).

⁹Sobre a importância da teoria no fazer historiográfico, José Carlos Reis (2004, p. 176) argumenta que “Se é a teoria que decide o que conta; se temos necessidade da teoria da história, porque é ela que estrutura a subjetividade do historiador e o leva a fazer falar o passado e as fontes [...]”

A questão básica do “fazer história com objetos”, nos museus, deve estar inserida nas próprias técnicas inerentes à produção do conhecimento histórico quando se utiliza de qualquer outro tipo de fonte. Isso significa que o ponto de partida deve estar assentado, em primeiro lugar, na formação de um corpus documental específico (de acordo com a tipologia do acervo) que deverá ser inquerido pelo historiador, permitindo, com isso, o desenvolver de alguns aspectos inerentes à responsabilidade social da Instituição, qual seja, dar a conhecer o passado de modo crítico e, nesse sentido, “viver o presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente” (LOURO, 2004, p. 21). Em outras palavras, será necessária a formulação, por parte do historiador, de um conjunto de perguntas aos seus objetos e, desta forma, criar mecanismos que poderão dar conta (ou, ao menos, ter noção) da complexidade social e cultural da irrupção dos objetos em determinados contextos históricos. De acordo com Meneses (1994, p. 20),

[...] concebe-se correntemente o museu histórico como aquele que opero com objetos históricos. Se, contudo, é a dimensão do conhecimento que sobe à tona, é preciso retificar e dizer, como vimos, que o museu histórico deve operar com problemas históricos, isto é, problemas que dizem respeito à dinâmico no vida das sociedades.

Esse parece ser o tipo de procedimento necessário para que os museus de tipologia histórica consigam equilibrar a equação museu-narrativa versus museu-informação¹⁰, permitindo, desta forma, “o desenvolvimento de projetos de ação pedagógica que visam não apenas ‘divulgar’ as exposições, eventos e outras atividades, mas tornar o museu um espaço de ensino.” (KNACK, 2013, p. 82). Poder-se-ia dizer que, para além do museu se tornar um espaço de ensino (não formal), também, no caso dos museus históricos, cresce em importância a transformação desses espaços que, através de sua dinâmica funcional, possibilitem ser reconhecidos como importantes meios de produção e divulgação da historiografia pertinente à sua tipologia específica, cumprindo, pelo menos em parte, uma de suas funções sociais:

A consolidação da função social do museu pressupõe, quer o abandono do seu tradicional isolamento em relação a entidades como escolas, bibliotecas ou associações locais, com as quais importa estabelecer parcerias tendo em mente o interesse das populações, quer a redefinição da sua organização, que deixa de estar

¹⁰ Nas palavras de Eduardo Knack (2013, p. 81) “O museu-narrativa caracteriza-se por ser um espaço dissociado do ritmo da vida moderna. É caracterizado pelo grande acúmulo de objetos, expostos sem maiores informações aos visitantes. O museu-informação, está atrelado ao público característico da grande cidade [...] acostumado com o consumo efêmero e imediato de informações”. Trata-se de duas tipologias diferenciadas e opostas (presente, por vezes, na mesma instituição), em que o desequilíbrio, para qualquer um dos polos, certamente prejudicará o funcionamento do museu.

centrada nas coleções, para passar a focar-se em temáticas e histórias que façam sentido para as respetivas populações (DUARTE, 2013, p. 113)

Se a base argumentativa apresentada até aqui conduziu a discussão para a conclusão de que a partir de um trabalho bem fundamentado, em questões teóricas e metodológicas, o historiador (e equipe) pode transformar a instituição museal para além de um mero apoio do ensino formal, mas, definitivamente, para um espaço de produção do conhecimento histórico, a pergunta a ser feita é como isso pode ser realizado na prática? Quais as ações objetivas (e possíveis) a serem desencadeadas para romper com a concepção, já obsoleta – conforme sentenciou Sofka (2009, p. 81) – de que os museus servem apenas como reservas de objetos, “abrigo de informações acumuladas e apenas excepcionalmente servindo para uma investigação despreziosa”? Dada a atual realidade de escassez de profissionais que desempenham suas funções em museus, quais as alternativas possíveis para a criação de um programa de pesquisa contínuo nessas instituições?

2 Ações, experiências e estratégias do MMCMS

O texto de Vinos Sofka (2009), que se debruçou de maneira muito específica sobre a pesquisa “no museu e sobre o museu”, abre uma gama de possibilidades para pensar os procedimentos necessários para que um programa de pesquisa seja implementado nas instituições museológicas. Na passagem a seguir, ele sinaliza, de maneira bastante clara e objetiva, alguns dos caminhos possíveis:

O primeiro passo é uma cooperação sensível, isenta de prestígio, entre todos aqueles que, no interesse da causa, possam contribuir para a pesquisa avançada, orientada para campos específicos e interdisciplinar. Numa primeira instância, e prioritariamente, entre museus - os grandes e os pequenos, os centrais, os regionais e os locais. Em segundo lugar, entre museus e instituições de pesquisa e universidades. Em ambos os casos, deverá haver cooperação tanto em nível nacional como internacional. (SOFKA, 2009, p. 81)

É no segundo tópico de sua passagem que se pode encontrar o princípio básico das estratégias que vêm sendo adotadas, atualmente, no MMCMS: a parceria (direta ou indireta) com as universidades. Alice Duarte (2013, p. 115) também chancela essa metodologia quando afirma que

A crescente articulação entre museu e academia – e o correlativo reforço das perspectivas teórica e crítica – que parece ser o selo da atual expansão dos estudos museológicos, é ela própria uma marca indelével da inflexão teórica e política desencadeada pelo movimento da Nova Museologia.

Mas, para se chegar neste atual estado da arte, o MMCMS passou, como qualquer instituição, por algumas importantes etapas de desenvolvimento. Recuperar, mesmo que de forma resumida e parcial, algumas das iniciativas colocadas em prática pela Instituição, poderá ajudar na compreensão de sua trajetória enquanto um espaço voltado definitivamente para a área do ensino e da pesquisa.

Desde sua criação, em 1999, o MMCMS precisou (e ainda precisa) investir na formação de sua equipe de trabalho, notadamente daqueles que ocupam funções de auxiliares dos setores administrativos, pesquisa/história e museológico, e que também assumem a função de mediadores das visitas guiadas. Esse universo é composto exclusivamente por militares das graduações de Cabo e Soldado, que são disponibilizados pelos quartéis localizados na cidade de Porto Alegre. Isso indica que, todos esses militares, com poucas exceções, possuem formação exclusivamente da área militar. Por isso, os poucos integrantes com alguma formação de ensino superior,¹¹ no âmbito da história e museologia, precisam criar possibilidades de qualificar o restante da equipe. Essa prática acabou se tornando atividade regular do Museu quando, em 2004, através do projeto “soldado cidadão”¹², a equipe técnica especializada criou o Curso “Introdução à Museologia – Auxiliar de Museu”, cujo currículo tratava de atividades específicas do campo museológico.

Essa primeira iniciativa pode ser considerada como a irrupção de um novo modo de atuação do MMCMS. Ela inaugurou um processo que permitiu consolidar as características educacionais da Instituição, cujo resultado imediato foi possuir as credenciais necessárias para apoiar a formação dos graduandos em História e Museologia nas atividades de Estágios curriculares. De uma prática que era voltada, exclusivamente, para um processo de aperfeiçoamento interno, surgiu a oportunidade de qualificar e adequar o sistema de ensino para cumprir os requisitos necessários para uma efetiva cooperação na formação e aperfeiçoamento dos estudantes universitários (BETT e COSTA, 2015).

A partir do 1º semestre de 2012, o aperfeiçoamento e experiência adquiridos pelo Museu no tocante às questões técnicas voltadas para a área educacional, tanto do público interno quanto do público externo e a chegada de um profissional com experiência no âmbito da pesquisa histórica, possibilitaram que uma nova concepção de atuação fosse colocada em prática com a criação do Curso “Oficinas de Práticas Museológicas”. A proposta inicial era apresentar um quadro de trabalho regular, com oficinas programáticas, exclusivamente aos

¹¹Atualmente a equipe técnica é formada por uma museóloga, um historiador e um bibliotecário.

¹² O objetivo principal desse projeto é propiciar a formação técnica aos militares temporários do Exército, dando condições de, após o fim de seu período de engajamento (atualmente de 8 anos), estarem qualificados para atuarem no mercado de trabalho (BETT e COSTA, 2015).

estagiários curriculares, de forma que estes pudessem receber uma qualificada formação complementar atinente às diversas áreas responsáveis pelo funcionamento de um museu¹³. Contudo, já em sua terceira edição (1º Semestre de 2013), a partir do incremento da divulgação junto às Coordenações dos Cursos de história e museologia das Universidades localizadas na Grande Porto Alegre, surgiu a necessidade de ampliação do público-alvo, dada a procura de estudantes que não estavam matriculados na disciplina de Estágio, mas que demonstraram interesse em realizar a atividade.¹⁴

O aumento significativo do número de alunos que passaram a frequentar as “Oficinas” se deu precisamente na 3ª Edição, quando foi necessário, inclusive, confeccionar uma lista de espera para as solicitações de inscrições recebidas. Desde então, o MMCMS disponibiliza um total de 25 (vinte e cinco) vagas (são realizadas duas edições por ano) e a quantidade de solicitações varia em torno de 40-50 por edição. Com isso, o Curso “Oficinas de Práticas Museológicas” proporcionou que o MMCMS atingisse um novo patamar qualitativo desde sua criação, especificamente pelo fato de um número significativo de estudantes de graduação (e Pós-graduação) frequentar, conhecer e participar, com maior regularidade, do dia a dia da Instituição.

A questão da regularidade (e quantidade) de acadêmicos que passaram a frequentar o MMCMS é um primeiro aspecto que precisa ser destacado e que pode servir de parâmetro para evidenciar o salto qualitativo referido. Ainda que o Museu não estabeleça pré-requisitos para o ingresso dos estudantes no Curso, recebendo desde alunos do 2º semestre da graduação até alunos em nível de doutorado, o componente da troca de experiências é o que sai mais fortalecido a partir dos diálogos e contatos desenvolvidos em cada oficina.

O intercâmbio entre o conhecimento adquirido pelos alunos em seus cursos universitários com as práticas das atividades empreendidas no Museu permite o desenvolvimento de uma série de atributos e possibilidades entre as partes envolvidas. O aluno, nesse caso, pode visualizar e praticar – como será visto adiante – os preceitos técnicos

¹³ Afinal de contas, como bem afirmou Zita Possamai (2008, p. 209), os museus “necessitam preparar-se para acolher esses estudantes, tornando sua estada proveitosa para a aprendizagem profissional. Precisam compreender que o estudante de História está realizando estágio para desenvolver atividades específicas em seu campo, e não para cumprir demandas tarefas do cotidiano de trabalho da instituição.”

¹⁴ O Curso “Oficinas de Práticas Museológicas” é o resultado de uma experiência que visa a colocar em prática o intercâmbio de conhecimentos das atividades do Museu, em suas diversas áreas de atuação, com graduados/graduandos dos Cursos de História e de Museologia, profissionais que atuam em museus, além de militares responsáveis pela administração e gestão de Espaços Culturais em Organizações Militares que fazem parte do Comando Militar do Sul. A carga-horária do Curso varia entre 50 e 60 horas, divididas em um total de 12 encontros semanais. Os alunos concludentes recebem certificado (aceito como comprovante de horas complementares exigidas pelas Universidades), o qual é devidamente registrado e publicado em Boletim Interno. (BETT e COSTA, 2015)

e teóricos desenvolvidos na academia. Além disso, passam a conhecer, com maior riqueza de detalhes, diversos aspectos da produção da historiografia militar, algo que ainda carece de maior investimento na região meridional do País.¹⁵

O Museu e sua equipe, por seu turno, acabam recebendo toda uma carga teórica atualizada, cuja maior repercussão pode ser sentida naquele que é um de seus produtos finais: a exposição (variação de métodos, temas e abordagens). Ainda assim, outro fator diretamente influenciado em decorrência desse intercâmbio consiste na própria inserção da Instituição no âmbito acadêmico, uma vez que se ajustam os contatos entre membros da equipe do Museu com professores dos Cursos universitários. A partir daí, a possibilidade de projetos de pesquisa paralelos e parcerias em Eventos se torna ainda mais plausível.

Entre os aspectos acima referidos há, necessariamente, uma complementaridade. O ganho é recíproco. A equipe técnica do Museu se qualifica na mesma proporção que proporciona qualificação aos alunos. Com toda essa perspectiva de atuação do MMCMS voltada para a área acadêmica, essa influência acaba, inevitavelmente, atingindo os diversos setores e atividades da Instituição.

No caso das exposições, por exemplo, todas aquelas (de curta e média duração) que foram produzidas a partir de 2012¹⁶ seguiram rigorosos padrões teórico-metodológicos que podem ser percebidos na própria escolha dos temas, nos critérios utilizados na condução da pesquisa histórica (problemas de pesquisa e objetivos), na seleção de bibliografias atualizadas e reconhecidas no âmbito dos Programas de Pós-graduação em História, na produção da narrativa textual, na formatação da expografia e na escolha dos processos de interatividade com o público visitante. Desse modo, a partir das suas exposições, o MMCMS atua em duas direções quando se pensa na produção e divulgação da historiografia militar. Por um lado, ao apresentar aos seus visitantes temas específicos sobre história militar, em suas mais diversas facetas, colocando em destaque uma produção de pesquisa (transformada em exposição) que pode servir de embasamento e referência para outras produções dessa tipologia. Por outro, ao se utilizar de uma bibliografia acadêmica e especializada, divulgando, de uma forma direta, literaturas e pesquisas sobre o campo da história militar.

¹⁵ Uma consulta no banco de teses e dissertações dos três maiores Programas de Pós-graduação em História do Rio Grande do Sul (PUCRS, UNISINOS e UFRGS) indica a existência de apenas 14 trabalhos de pesquisa que podem ser inseridos na subárea de história militar.

¹⁶ A escolha do “marco” de 2012 não é aleatória. Esse ano marca, conforme já referido, a chegada de um profissional com experiência na pesquisa histórica. Não significa, entretanto, que nos anos anteriores as exposições do MMCMS não eram pautadas pelos mais rigorosos critérios de qualidade. Pelo contrário, os números de visitantes (chegando perto de 60 mil por ano) e as pesquisas de opinião desse período indicam um grande índice de aprovação das atividades realizadas.

Em face desse duplo vetor de qualificação (qualificação recíproca entre Museu – academia) a subárea da história militar acaba sendo objeto de uma relativa (e positiva) repercussão e valorização. Necessariamente, todos os alunos que frequentaram o Curso “Oficinas de Práticas Museológicas”, desde a 1ª Edição, tiveram contato (alguns pela primeira vez na trajetória acadêmica) com algum tema ou aspecto da história militar. A própria tipologia do MMCMS, o acervo e as exposições favorecem esse tipo de perspectiva.

Cabe destacar, entretanto, que as oficinas ministradas pelo Setor de Pesquisa e História no Curso “Oficinas de Práticas Museológicas” possibilitam um direcionamento mais estreito. De uma forma geral, todas as oficinas sob a responsabilidade do Setor colocam em evidência as diversas atribuições de um historiador numa instituição de memória tendo, como parâmetro principal, as especificidades e interfaces dos campos de conhecimento da história e da museologia. São demonstrados, nesse sentido, alguns dos procedimentos metodológicos e teóricos que sustentam a produção historiográfica, com especial atenção nas inúmeras potencialidades de pesquisa e construção do conhecimento histórico a partir do acervo do MMCMS. Através de estudos de casos, demonstra-se como são realizadas as pesquisas para montagem de exposições e as pesquisas no acervo, enfatizando a instrumentalização de metodologias para desenvolver a crítica documental (objeto enquanto monumento), tão necessária nas instituições de memória (BETT e COSTA, 2015).

Precisamente, as oficinas “O conhecimento histórico na prática museológica” e “Blindados do Museu e a construção do conhecimento histórico”, cada uma com suas especificidades, colocam o aluno em sintonia direta com as mais diversas possibilidades de se produzir história militar a partir dos objetos que compõe o acervo do MMCMS. Já a oficina (prática e opcional) denominada “Projeto de pesquisa para exposição” abre um leque de possibilidades ainda maior, na medida em que os alunos desenvolvem um projeto de pesquisa (levando em conta a tipologia do MMCMS) com a finalidade do mesmo vir a se tornar, efetivamente, uma exposição (o tema é escolhido pelo próprio aluno).

Os três anos de experiência¹⁷ com a realização dessa oficina, cujo incentivo à pesquisa em história militar é um de seus maiores objetivos, vem proporcionando alguns resultados positivos, tanto para os alunos quanto para a própria Instituição. Do ponto de vista dos alunos, a oficina abre a possibilidade de uma – já referida anteriormente – primeira experiência de pesquisa no campo da história militar. Em alguns casos, trata-se de uma experiência que não se encerra com o término do Curso, mas acaba sendo o “pontapé” inicial para o

¹⁷Esta oficina foi incluída no currículo do Curso somente a partir da 3ª edição, em 2013.

desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e, também, para a construção de projetos de pesquisas a serem submetido para seleções de mestrado. Do ponto de vista do MMCMS, a oficina abre a possibilidade que parte da necessidade de um programa permanente de pesquisa seja atingida, seja aquela relativa aos objetos ou aquelas relativas aos temas de interesse do próprio Museu.

Considerações finais: A produção recente do MMCMS e a historiografia militar

O objetivo fundamental do artigo foi apresentar de que forma o MMCMS vem criando possibilidades de contribuir com a produção de divulgação da historiografia militar. Foi visto, no primeiro momento, que todas as práticas dos museus precisam estar embasadas nos aportes teóricos e metodológicos que vêm guiando o campo museológico nos últimos anos. Mais do que uma simples adequação formal e burocrática, estar em sintonia com os postulados da chamada “Nova Museologia” permite que novas iniciativas sejam pensadas e, efetivamente, colocadas em prática, projetando as instituições de memória para um patamar qualitativo mais expressivo do que simplesmente um espaço que guarda, preserva e expõe objetos antigos. Destaca-se, portanto, todo um complexo de ações voltadas, necessariamente, para o papel dos museus enquanto espaços de educação e de pesquisa, com intensa participação no âmbito da produção e disseminação do conhecimento.

As premissas básicas das ações museais, vistas na primeira parte do artigo, vêm influenciando de maneira sistemática a prática do MMCMS, sobretudo o Setor de Pesquisa e História e a atuação do profissional da área de História, responsável pelo desenvolvimento das pesquisas atinentes ao acervo e às exposições. O artigo pretendeu demonstrar que este profissional (como de qualquer instituição) precisa estar municiado das atualizações do campo museológico. Além disso, ficou evidente o quanto é importante uma efetiva articulação dos postulados museológicos com as competências que regulam os trabalhos dos historiadores em instituições de memória. Essa especialização, no caso do MMCMS, vem repercutindo diretamente em todas as atividades, projetos e ações que são desenvolvidos.

As exposições apresentadas nos últimos anos¹⁸ podem sintetizar perfeitamente o comprometimento do Setor de Pesquisa e História no tocante à produção e divulgação da historiografia militar, colocando em perspectiva uma variação de temas, abordagens e

¹⁸As últimas Exposições desenvolvidas no MMCMS foram as seguintes: “As Armas da Força Expedicionária Brasileira”, 2016; “Cenários de Guerra: Sentimentos de um combatente da Força Expedicionária Brasileira”, 2014; “Serviço de Saúde do Exército: Dois séculos provendo assistência à Sociedade Brasileira”, 2013; “Facetas da Modernização do Exército Brasileiro: O levante tenentista de 1924”, 2013; e “Participação Feminina nos 5º Jogos Mundiais Militares”, 2012.

modelos expositivos, privilegiando uma base historiográfica acadêmica e com pesquisas amplamente reconhecidas neste meio.

Uma breve explicação sobre a exposição “As Armas da Força Expedicionária Brasileira”, inaugurada em 2016, pode servir como exemplo para demarcar o entendimento relativo ao comprometimento acima mencionado. O seu planejamento foi direcionado com o intuito de provocar reflexões e questionamentos que permitissem explorar diversos aspectos da história da Força Expedicionária Brasileira (FEB), tendo como ponto de partida os tipos de armamentos utilizados pelos combatentes brasileiros durante sua atuação na Segunda Guerra Mundial.

O primeiro questionamento que deu suporte à investigação foi construído nos seguintes termos: “Quais foram as principais armas utilizadas pela FEB na Segunda Guerra Mundial?”. Essa pergunta, aparentemente simples em sua formatação, possibilitou que um leque de novas interrogações surgisse à medida que avançava a pesquisa sobre o tema. Ao se aprofundar na literatura relativa aos tipos de armamentos que os militares brasileiros utilizaram em combate, percebeu-se uma grande defasagem tecnológica quando comparada com o poder de fogo do inimigo, no caso as forças do nazi-fascismo. Por outro lado, a pesquisa bibliográfica permitiu evidenciar que o principal aliado das Forças Armadas Brasileiras, naquele contexto – EUA –, que ficou responsável por fornecer armamento (o mesmo de seu Exército) e treinamento aos combatentes brasileiros, também já operava com tecnologia bélica bastante superior àquela fornecida aos “pracinhas”.

Essas constatações impulsionaram, quase que diretamente, novas interrogações: O que os acordos entre Brasil e Estados Unidos estipulavam em relação ao fornecimento de armamentos para a FEB? Quais os armamentos deveriam ser utilizados pela FEB? Quando que a FEB travou contato com os armamentos fornecidos? Qual a quantidade de armamento que a FEB deveria ter recebido para seu treinamento no Brasil e na Itália? A FEB foi devidamente treinada para entrar em combate? Qual a repercussão do aspecto material no desempenho da FEB em combate? Estes novos problemas de pesquisa demonstraram a importância e a emergência de se conhecer e difundir complexas questões que estiveram circunscritas às intensas relações Brasil - Estados Unidos e, principalmente, o quanto essas relações repercutiram diretamente nas ações de combate da FEB, atingindo cada soldado brasileiro.

Portanto, mais do que simplesmente apresentar quais foram os tipos de armamentos utilizados pela FEB e muito mais do que criar condições para que o objeto principal da exposição (armamento) seja interpelado exclusivamente pela sua própria materialidade e de

seus usos “originais” (fetiche pelo objeto), a exposição permite fornecer novos subsídios para a construção do conhecimento histórico, no recorte temático relativo às “Armas da FEB”, visando o estabelecimento de outras bases de compreensão de um passado ainda pouco privilegiado pelos estudos históricos e quase desconhecido pelo imaginário social brasileiro.

Além das pesquisas para exposições, são de responsabilidade do Setor de Pesquisa e História a realização e coordenação de pesquisas no acervo (que podem, evidentemente, vir a ser objeto de exposições). As produções advindas dessa atividade, invariavelmente, são transformadas em artigos, visando sua posterior publicação em anais de eventos, revistas científicas ou em livros. Foi o caso da pesquisa em um álbum de fotografia que resultou no artigo intitulado “O álbum de fotografias da manobra de Saicã (1940) e o imaginário de modernização do Exército Brasileiro”, apresentado em forma de comunicação na XII Jornada de História Cultural: História, Cultura e Imagem, no ano de 2015, sendo, posteriormente, publicado nos anais do Evento.

De outra parte, o Setor também é responsável pela coordenação e orientação dos projetos de pesquisas desenvolvidos a partir da oficina “Projeto de pesquisa para exposição”, do Curso “Oficina de Práticas Museológicas”. Para que se possa ter uma ideia do tamanho dessa produção, desde 2013 foram desenvolvidos, pelos alunos do Curso, um total de 19 (dezenove) diferentes projetos de pesquisa, sendo 03 (três) projetos sobre o tema da FEB, 02 (dois) projetos sobre o tema da 2ª Guerra Mundial, 02 (dois) projetos sobre o tema “guerra”, 04 (quatro) projetos sobre Guerra do Paraguai, 02 (dois) projetos sobre o Museu e sua tipologia (militar), 01 (um) projeto sobre o protagonismo negro na história militar, 01 (um) projeto sobre a história da Arma de Comunicações, além de 04 (quatro) pesquisas efetivas que se debruçaram sobre peças do acervo do Museu.

Conforme referido no artigo, o desenvolvimento dessas pesquisas cumprem diversas finalidades: em primeiro lugar, engrossam a quantidade de trabalhos que poderão vir a ser objeto de futuras exposições¹⁹; colaboram com o Museu no sentido de manter uma produção sistemática e contínua de novas pesquisas e, por fim, abrem possibilidades para se tornarem objetos de investidas maiores, como trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado.

Uma consequência direta dos projetos e ações mencionados acima pode ser percebida através das aproximações institucionais entre a equipe do Museu com professores das

¹⁹ Foi o caso da exposição “Cenários de Guerra: Sentimentos de um combatente da Força Expedicionária Brasileira”, desenvolvida a partir de um diário de guerra de ex-combatente da FEB, cuja realização se deu através da coordenação do projeto iniciado no Curso “Oficinas de Práticas Museológicas”.

graduações e pós-graduações de história, especialmente (mas não só) das Universidades localizadas na Grande Porto Alegre. Ou seja, na medida em que as iniciativas do MMCMS vão se popularizando no meio acadêmico, com um maior número de estudantes frequentando, avaliando e participando das atividades empreendidas²⁰, a Instituição passa a ser cada vez mais conhecida e reconhecida e, nesse sentido, invariavelmente é solicitada a transmitir o seu *modus operandi* na forma de tratar com as questões patrimoniais e, muito particularmente, na forma de produzir conhecimento histórico²¹.

Essa aproximação institucional também vem sendo materializada através de realizações de Eventos (encontros, mesas-redondas, seminários) que são promovidos exclusivamente pelo Museu, ou através de parecerias com instituições de ensino e de pesquisa²². A escolha de palestrantes e conferencistas reconhecidos no âmbito da produção acadêmica em história (especialmente em história militar) e a grande quantidade de ouvintes nesses Eventos são indicativas do esforço que o MMCMS vem empreendendo para atender, ao menos em parte, os requisitos necessários que se exige de uma instituição de memória comprometida com o ensino, produção e divulgação da historiografia militar.

²⁰Essa relação entre Museu/Academia pode ser observada, também, através da participação do Encarregado do Setor de Pesquisa e História como avaliador de Trabalhos de Conclusão de Cursos que se debruçaram sobre temas relativos à história militar. É possível citar como exemplos a participação em banca de Bruno Wilhan Fonsêca, com o trabalho intitulado “Enfermeiras Brasileiras na Segunda Guerra Mundial”, apresentado no Curso de História da Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) e a participação em banca de Guilherme Nicolini Pires Masi, com o trabalho “Isso é a Guerra...uma grande estupidez: transformações dos sentimentos de um soldado febianiano na 2ª Guerra Mundial”, apresentado no Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

²¹Desde o ano de 2013, o MMCMS recebeu 08 (oito) turmas dos Cursos de História de Universidades do Rio Grande do Sul: Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Passo Fundo (UPF), Faculdade Porto-Alegrense (FAPA), Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior (UNIVATES).

²²Somente nos anos de 2015 e 2016 foram promovidos os seguintes Eventos no MMCMS, com plena participação de estudantes, professores, militares e públicos em geral: O “Dia da Vitória no MMCMS”, que contou com uma conferência do Prof. Dr Dennison de Oliveira (UFPR); a “Semana de Museus de 2016”, que apresentou pesquisas que versaram sobre o tema do “Arsenal de Guerra” (atual prédio do MMCMS) desde sua inserção na sociedade porto-alegrense até sua participação efetiva na Guerra do Paraguai; o “VII Encontro Internacional de História sobre operações bélicas na Guerra da Tríplice Aliança”, organizado em parceria com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx), que contou com conferências ministradas por historiadores militares e pelos Professores (especialistas em história militar) Vitor Izecksohn (UFRJ) e José Iran Ribeiro (UFMS); o “I Encontro de História Militar do Comando Militar do Sul”, que também contou com palestrantes militares e civis, podendo destacar os Professores Dennison de Oliveira (UFPR), Francisco Alvez Ferraz (UEL), Fernanda Nascimento (PUCRS) e Andrea Petry Rahmeier (FACCAT).

Referências Bibliográficas

- BETT, Ianko. *O álbum de fotografias da manobra de saicã (1940) e o imaginário de modernização do Exército Brasileiro*. In: XII Jornada de História Cultural: História, Cultura e Imagem. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2015.
- BETT, Ianko. COSTA, Nathalia Santos da. *Oficinas em Práticas Museológicas: uma experiência de educação patrimonial no Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS)*. In: Fraga, Hilda Jaqueline de; Cardoso, Claudira do Socorro Cirino; Quevedo, Éverton Reis; Barroso, Véra Lucia Maciel; Souza, Renata Cássia Andreoni de. (Org.). Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios. 1ed.Porto Alegre: Selbach e Autores Associados, 2015.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora In. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio*; MAST - vol. 6 nº 1, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- KNACK, Eduardo Roberto Jordão. História, ensino e pesquisa em museus: uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR). In: *Aedos*, nº 12 vol. 5 - Jan/Jul 2013.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *Do teatro da memória ao laboratório de história: a exposição museológica e o conhecimento histórico*. Resposta aos comentários. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 3, jan./dez.1995.
- NIETZSCHE, F. W. *Da utilidade e desvantagem da História para a Vida*. In: *Obras Incompletas - Coleção "Os Pensadores"*. Tradução de Rubens R. T. Filho. Rio de Janeiro: Abril, 1983.
- POSSAMAI, Zita. O ofício da história e novos espaços de atuação profissional. In *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, 2008.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: O museu no ensino de História*. Chapecó: Argos. 2004
- REIS, Daniela Gorgên dos. *Documentação museológica e práticas sociais: O acervo fotográfico do Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS)*. In: Fraga, Hilda Jaqueline de; Cardoso, Claudira do Socorro Cirino; Quevedo, Éverton Reis; Barroso, Véra Lucia Maciel; Souza, Renata Cássia Andreoni de. (Org.). Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios. 1ed.Porto Alegre: Selbach e Autores Associados, 2015
- REIS, José Carlos: *História da “Consciência Histórica” Ocidental Contemporânea - Hegel, Nietzsche, Ricoeur*, Autêntica Editora. 2013.
- _____. *História e Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006.
- SOFKA, Vinos. A pesquisa no Museu e sobre o Museu. In: *Museologia e Patrimônio - vol.II no 1 - jan/jun de 2009*.